

RECURSOS FRASEOLÓGICOS E ARGUMENTATIVIDADE

Denise Salim Santos (UERJ)

d.salim@globocom.com

RESUMO

Este estudo dedica-se à identificação de itens fraseológicos, em especial a enunciados proverbiais que, presentes em textos publicados em mídia impressa, participam da construção de argumentos. Para isso, servem-nos de aporte teórico as ideias de Grésillon e Maingueneau (1984) a respeito da técnica de *détournement* proverbial, desconstrução ou retextualização de uma unidade fraseológica, a fim de fazer circular uma visão crítica sobre determinado tema.

Palavra-chave: *Détournement*. Fraseologismo. Argumentatividade

Muitas e variadas são as maneiras como é definido fraseologismo, termo que recobre um conjunto de ocorrências estudadas na área da Lexicologia e Lexicografia, cuja peculiaridade se apresenta por ser um enunciado constituído de vários elementos lexicais, mas cujo significado final não corresponde à soma de significados de cada um de seus componentes.

Apesar de haver consenso quanto à estrutura básica dos fraseologismos- provérbios, ditados, máximas, locuções, expressões idiomáticas, clichês, anexins, refranes etc. –, cada um deles apresenta alguma especificidade sintática, morfológica, semântica, discursiva e/ou pragmática que os distinguem, às vezes, apenas por tênues traços.

Fórmulas (religiosas, rituais, diretivas, de caráter pragmático), as locuções (frases feitas e expressões idiomáticas) que muito interessam às atividades de ensino de língua estrangeira ou português como segunda língua, também se constituem como centro de interesse dos estudos fraseológicos.

A caracterização de um item fraseológico que é apresentada por Guilhermina Jorge busca simplificar o excesso terminológico existente nesse campo. Assim, situa a fraseologia como um subdomínio da lexicologia, em que se incluem vários tipos de sintagmas que selecionam alguns dos traços a seguir:

constituídos de duas ou mais palavras; não composicionalidade (lexia complexa indecomponível); sentido idiomático/ metafórico / moralizante; não substituições pragmáticas, lexicalização; enunciados consagrados pelo uso; possibi-

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

lidade de existência de um duplo sentido-literal e figurado. (JORGE, 2012, p. 59)

O irrefutável, no entanto, é que esses itens lexicais sempre marcam presença como elemento relevante da cultura humana. Por materializarem enunciativamente as experiências do dia a dia em um puro reflexo da sabedoria popular na apreensão do mundo como produto de seu conhecimento e por seu conteúdo e utilidade no ato discursivo, acabam legitimadas, tornando-se fórmulas, as quais, pela repetição no passar do tempo, sobrevivem de geração a geração, como verdades não contestáveis, pertencentes ao conhecimento coletivo de uma comunidade.

Como expressões historicamente construídas, os recursos fraseológicos, nos quais se incluem os provérbios, são instrumentos de alta eficiência crítica e irônica, a partir de um ludismo léxico-semântico e pragmático que atenua ou acentua o impacto crítico ou denunciativo a que se propõe como ocorre em “Nem todo dia é dia (de) santo”, “Quando os gatos não estão em casa, rato passeia em cima da mesa” ou em registro mais informal “Quando o gato sai, os ratos se espalham”. Segundo Maingueneau (2011)

em matéria de expressões cristalizadas, os provérbios ocupam uma posição singular, não só porque constituem frases, com verbo (à noite todos os gatos são pardos) ou não (Tal pai, tal filho), mas também porque são as únicas sequências cristalizadas que fazem parte da língua, que relevam. (MAINGUENEAU, 2011, p. 42)

Em um de seus estudos sobre aforismos, outra unidade fraseológica, Maingueneau nos informa que a citação de um provérbio deve ser reconhecida pelos alocutários, sem que haja necessidade de o locutor indicar a fonte ou empregar verbos que indiquem citação: “o caráter de citação é marcado apenas por um desnível interno à enunciação, que pode ser de natureza gráfica, fonética, paralinguística”. (MAINGUENEAU, 2011, p. 43). O reconhecimento consagra a formulação proverbial como pertencente ao *Thesaurus* de uma língua, isto é, ao conjunto de enunciados que circulam em dada comunidade linguística e dela é indissociável.

Essa apropriação, pelos falantes, das frases cristalizadas atribuídas à “sabedoria popular”, de acordo com Greimas, permite ter-se “a impressão de que o locutor abandona voluntariamente sua voz, tomando outra de empréstimo a fim de proferir um segmento de fala que não lhe pertence propriamente e que ele está unicamente citando” (*apud* MAINGUENEAU, 2011, p. 45). Dominique Maingueneau denomina tal comportamento discursivo como *hiperenunciação* efetivada por um *hiperenuncia-*

dor que domina os dois interactantes envolvidos no processo de comunicação.

Grésillon e Maingueneau (1984) propuseram a noção de *détournement* (originalmente “*détournement du proverbes*”): “produção de um enunciado que possui marcas linguísticas de uma enunciação proverbial, mas que não pertence ao estoque de provérbios reconhecidos” (GRÉSILLON & MAINGUENEAU, *apud* KOCK, BENTES & CAVALCATE: 2007, p. 45). Pelo conceito de *détournement*, provérbios corrompidos ou descristalizados podem ter finalidades discursivas diferenciadas ora servindo apenas para explorar a camada de superfície do enunciado (a sonoridade, por exemplo, ou o jogo de palavras) na enunciação, ora, para, argumentativamente, exteriorizar uma crítica, uma ironia, a serviço de manobras políticas ou ideológicas.

Zuenir Ventura, em crônica cujo título é “Em poucas palavras” (*O Globo*, 17/114/2012) comenta a engenhosidade do humorista e escritor Dirceu Ferreira, dizendo que “o humor de Dirceu faz pensar fazendo rir, e é impiedoso, às vezes corrosivo (...)”. E cita uma das frases elaboradas pelo humorista “Atrás de um grande homem existe uma mulher que não consegue ver o filme”. Observa-se que a eliminação do modalizador “grande” na segunda parte do provérbio “atrás de um grande homem há sempre uma grande mulher” e o acréscimo de uma oração adjetiva restritiva, cujo valor semântico acaba por desprestigiar a figura enaltecida no provérbio original – a mulher – define um ponto de vista ideológico a respeito do papel da mulher na sociedade, privilegiando aspectos negativos de seu comportamento. Mas todo esse jogo discursivo só pode ser percebido pela riqueza da memória que, recuperando o provérbio original, percebe as marcas do desvio semântico e discursivo presentes na nova construção.

Este comportamento linguístico-discursivo, de o falante se apropriar de uma expressão tradicional em sua língua para provocar a adesão do interlocutor, é possível a partir de várias estratégias de retextualização como substituição de um dos componentes do enunciado, pois os provérbios inserem em um texto uma ideia de partilha, de igualdade entre os que usam determinada língua (JORGE, 2012, p. 60), facilitando a comunicação. Desta forma, eles apresentam outra propriedade: são reconhecidos pelos falantes seja pela construção, forma ou conteúdo, abastecidos nos valores universais e ligados ao homem no seu estar no mundo.

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

Por esse aspecto, admitimos que os provérbios assumem caráter de fraseologia universal: "Sua autonomia, a maior transparência semântica e a sua pertença a um legado mais universal conferem-lhe um tratamento individual", segundo Guilhermina Jorge. (2012, p. 77)

Afirma-se ainda do significativo repertório de provérbios, sobre alguns dos quais nos debruçamos para este estudo, que todos os seus elementos apresentam, pelos menos, dois traços comuns: um, já citado, é refletirem uma cultura em determinado tempo-espaço. O outro aspecto a ser observado no emprego dessas unidades fraseológicas é o de serem adotados pelo gosto popular dos falantes de uma língua, no seu mais amplo espectro, a tal ponto que essas unidades, à exceção, talvez, dos fraseologismos bíblicos, têm a origem apagada (no caso dos fraseologismos autorais como as máximas) e passam a circular como uma expressão simples, corriqueira, mas ainda bastante eficiente nos atos de comunicação.

Tal deslocamento semântico só surtirá o efeito pretendido pela preservação, ou o não apagamento, do conteúdo original do provérbio, a que chamaremos de sentido de base. A presença do já cristalizado garantirá o efeito de sentido na alteração da unidade proverbial retextualizada. Na distribuição dos modos como pode ser explorado discursivamente o *détournement*, encontramos o tipo *lúdico* (o primeiro apresentado) e o tipo *militante*, que pode se redistribuir em "militante por captação" ou "militante por subversão". Sobre a bipartição inicial – *détournement lúdico e militante* –, Kock, Bentes e Cavalcante se associam à ideia apresentada no início deste artigo, opinando "que todo e qualquer exemplo de *détournement* é "militante" em maior ou menor grau, visto que ele sempre vai orientar a construção de novos sentidos pelo interlocutor". (2007, p. 25)

O *détournement* militante pode ser obtido por captação ou subversão. O primeiro, "militante por captação", abrange as alterações proverbiais em que se mantém a "autoridade original do provérbio", ou seja, a mensagem original se mantém presente para que, a partir daí, o interlocutor apreenda o resultado obtido por efeito da alteração proverbial como ocorre em "Quando um não quer, os dois não compram em outro lugar. Só nas casas Bahia", em que a ideia de solidariedade, parceria, consenso, compreensão se mantém, apesar da substituição do verbo brigar por comprar. Isso é observado também ao se comparar o provérbio "O castigo vem a cavalo" às suas retextualizações em "O castigo vem a jato" ou "O castigo vem em tempo real", estratégia recorrente, por exemplo, em

textos publicitários. Neste caso a ideia de velocidade, rapidez se atualiza nas expressões “a jato” e “em tempo real” de acordo com a necessidade enunciativa de seu produtor (velocidade nos transportes e velocidade digital). A vitalidade semântica proverbial se afirma, pois busca-se um item lexical cristalizado de longa existência no universo fraseológico para dar autoridade aos avanços tecnológicos.

Já o *détournement* “militante por subversão”, muito comum nos textos midiáticos, vai por em xeque a própria autoridade do que está posto no provérbio, como ocorre em “O hábito não faz o monge” em cotejo com o título da matéria. “Sim, o hábito faz o monge, mostra pesquisa”. Estudo americano comprova que significado social das peças que vestimos interfere nos processos cerebrais”. A afirmação em lugar da negação subverte a ideia contida no provérbio original e se transforma em argumento que propõe uma reflexão sobre a questão do vestuário como interferente nos processos cerebrais.

Na época do julgamento dos acusados de participarem do mensalão, a mídia impressa muito se valeu de fórmulas discursivas e de outros fraseologismos para manter aceso o interesse dos leitores. Isto pode ser exemplificado com a manchete de primeira página publicada no jornal *O Globo* à época do julgamento pelo STF: “A ocasião faz o mensalão”, enunciado derivado do dito popular “A ocasião faz o ladrão”, fundamentado no princípio moralizante do provérbio original, aplicado muito apropriadamente para desmoralizar os indivíduos envolvidos no julgamento (quem participou do mensalão é ladrão), um bom exemplo de *détournement* militante por captação definindo, argumentativamente, um posicionamento ético e crítico contrário ao praticado pelos réus.

Martha Medeiros, em “Penso, logo posto”, se apropria da frase descartiana em jogo polifônico e, claro, intertextual, para discutir a questão da capacidade pensante do homem contemporâneo em relação ao mundo virtual: “Penso, logo, existo. Descartes teria que reavaliar esse cogito, ergo sum, pois as pessoas trocaram o verbo pensar por postar. Posto, logo existo” (*Revista O Globo*: 25/03/2012). A substituição de pensar por postar, trabalha com a semelhança das formas, mas aponta a diferença de comportamento social: o pensar sugere isolamento, ação individual. Já o postar indica compartilhamento, exposição. O exemplo apresentado é mais uma ocorrência em que se observa apagamento da autoria, pois é possível que o interlocutor conheça o dito e até o empregue em seu texto, mas já sem a lembrança de que foi Descartes quem o proferiu pela primeira vez.

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

Na composição de Chico Buarque de Holanda, “Bom conselho”, os versos “Está provado, quem espera nunca alcança e Faça como eu digo/Faça como eu faço, Devagar é que não se vai longe” são, rigorosamente exemplos de *détournement* “militante por subversão”, em que o viés ideológico se sobrepõe ao provérbio original, definindo uma outra forma de se posicionar no mundo.

O provérbio popular “tudo que cai na rede é peixe” foi explorado argumentativamente na manchete do caderno de economia do jornal *O Globo* sob o tema “Economia do mar” (*O Globo*, 03/08/2015, p. 20), ao tratar dos problemas de poluição excessiva na Baía de Guanabara que causam prejuízo à atividade pesqueira na região: “Quando o que cai na rede não é peixe”. A mensagem contida no provérbio de origem é de certo modo otimista, pois há um aproveitamento de tudo o que ocorre ou então, um certo desleixo quanto às propriedades do que se consegue, mas ainda assim, aceito, indicando pouca exigência. Mas, o enunciado desconstruído por processo de *détournement* caminha exatamente no sentido contrário, ou seja, argumentando que, se nem tudo que cai na rede não é peixe, algo está errado e precisa ser denunciado e resolvido, pois a rede no mar simboliza a busca do alimento, a sobrevivência de muitos.

Concluimos esta reflexão sobre os provérbios como unidades do léxico que fortalecem a argumentação, trazendo o pensamento de Maria Luiza Ortiz Alvarez que afirma ter “o provérbio um caráter de fraseologia universal; esta ideia é crucial para o provérbio e denota uma abordagem específica, considerado à parte dos outros tipos de fraseologia. A autonomia do provérbio, a maior transparência semântica e a sua pertença a um legado mais universal precisamente pelo seu caráter mais moralizante, conferem-lhe tratamento individualizado (2012, p. 358). E é exatamente essa solidez de conteúdo que permite a transgressão da materialidade desses enunciados em novas retextualizações, os *détournements*, em favor do ludismo ou da argumentatividade que se apresentam nos mais variados gêneros textuais, comprovando sua produtividade. Eis a razão de enfatizarmos o trabalho com os provérbios em aulas de língua portuguesa para os falantes nativos ou para estrangeiros interessados em aprender português.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVAREZ, Maria Luiza Ortiz. Estudos fraseológicos no Brasil: estado da arte. In: _____. (Org.). *Tendências atuais na pesquisa descritiva e apli-*

cada em fraseologia e paremiologia. Campinas: Pontes, 2012, p. 355-375.

BENITO, A. B. G. *Na periferia da fraseologia: estudo contrastivo dos enunciados fraseológicos do português e do espanhol nas aulas e LP*. In: MARÇALO, M. J. et al. *Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar colunas*. Évora: Universidade e Évora, 2009. Disponível em: <www.simelp2009.uevora.pt/pdf/sig49/01.pdf>. Acesso em: 20-06-2013.

CRESSOT, M. *O estilo e suas técnicas*. Lisboa. Editora 70, [s/d].

GRÉSILLON, A.; MAINGUENEAU, D. Polyphonie, proverbs et détournement. *Langages*, n. 73, p. 112-125.

JORGE, G. A tradução nos estudos fraseológicos. In: ALVAREZ, M. L. O. (Orgs.). *Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia*. Campinas: Pontes, 2011, p. 249-275.

KOCK, I. G. V.; BENTES, A. C.; CAVALCANTE, M. C. *Intertextualidade: diálogos possíveis*. São Paulo: Cortez, 2007.

KRIEG-PLANQUE, A. *A noção de “fórmula” em análise do discurso*. São Paulo: Parábola, 2010

LAPA, M. R. *Estilística da língua portuguesa*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MAINGUENEAU, D. A aforização proverbial e o feminino. In: MOTTA, A. R.; SALGADO, L. (Orgs.). *Fórmulas discursivas*. São Paulo: Contexto, 2011, p. 41-57.

MONTEIRO-PLATIN, R. S. Produtividade fraseológica: do cognitivo ao cultural. In: SILVA, S. (Org.). *Fraseologia e CIA*. Londrina: UEL, 2012, vol. I, p. 123-148.

SILVA, J. P. da. *Ensaio de filologia*. 2. ed. Rio de Janeiro: O Autor, 2005.

SILVA, S. *Fraseologia & Cia entabulando diálogos reflexivos*. 2. ed. ampl. São Paulo: Pontes Editores, 2014.

SANTOS, D. S. Água mole em pedra dura: provérbios nas aulas de língua portuguesa. In: SIMÕES, D.; OSÓRIO, P. (Orgs.). *Léxico: investigação e ensino*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2014, p. 75-87

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

URBANO, *Um aspecto do português popular do Brasil: sua fraseologia*. 2008. Disponível em: <www.fflch.usp.br/dlcv/lport/pdf/slp18/04.pdf>. Acesso em: 20-06-2013.

_____. *Da fala para a escrita: o caso de provérbios e expressões populares*. Disponível em: <<http://www.revistainvestigacoes.com.br/Volumes/Vol.21.2/hudnilson.urbano.pdf>>. Acesso em: 20-06-2013.